



Fachada do Museu de Aveiro (Séc. XX). Desenho a tinta-da-china atribuído a José de Pinho, col. Museu de Aveiro, Inv.º 27/H.



Santa Joana hac hora



Concepção e montagem - Gaspar Albino; Henrique J. C. Oliveira; José António Rebocho.
Exposição *Santa Joana Hac Hora* — Laboris finis - hjco: 5-04-2011

16 de Abril a 12 de Maio de 2011
Museu de Aveiro

Apresentação

O Museu de Aveiro goza da singular particularidade de ser, simultaneamente, uma unidade museológica e um local de culto. Enquanto unidade museológica, a sua missão é estudar, conservar e divulgar as colecções e o monumento que se encontram à sua guarda. Enquanto local de culto, acolhe múltiplas formas da devoção à Princesa Santa Joana. No entretecer destas duas condições surgem situações de grande ambiguidade e riqueza antropológica.

Esta exposição partilha ambas as condições e demonstra – através do *ex voto* do Dr. Paulo Catarino – a profundidade dos laços afectivos dos aveirenses à sua padroeira e ao seu museu.

Ana Margarida Ferreira

Valença Cabral

Vila Nova de Gaia — 1948



Acrílico sobre tela — 40x30 cm

Quintas

Lisboa — 1949



Acrílico sobre tela — 50x40 cm

Santa Joana Princesa

(1452 - 1490)

Muitas vezes acompanhei meu sogro, Alberto Souto, ao Museu de Aveiro, de que era director. No caminho para o seu gabinete, parava sempre em frente ao túmulo de Santa Joana, guardando, de pé, reverentemente, uns minutos de profundo recolhimento. Esta sua atitude marcou-me de forma indelével.

Um dia, adquiri uma serigrafia do artista Jorge Trindade com uma interpretação plástica de Santa Joana, que me inspirou a ideia de pedir, a um conjunto diversificado de artistas plásticos, que lessem *hac hora* a nossa querida Santa Joana. É esta a razão desta mostra; é esta a razão deste *ex-voto*.

Paulo Catarino

Santa Joana

Santa Joana é uma das figuras mais marcantes do imaginário religioso português. Para isso contribui, antes de mais, o conhecido retrato de autor anónimo, com o seu rosto adolescente, um pouco triste, a expressão estática e ausente. Uma coifa carregada de jóias envolve o cabelo caído. Um longo colar de ouro rodeia-lhe o pescoço. O vestido mostra uma finíssima gola de renda amplamente aberta sobre o peito liso. Apesar dos caracteres pessoais marcados na expressão da boca e nas faces redondas, infantis, parece o símbolo quase etéreo de uma certa perfeição feminina, mais do que retrato de uma mulher concreta, de carne e osso. Faz-nos imaginar uma princesa sonhadora, delicada e frágil, encerrada num mosteiro invisível, como jóia escondida num tesouro oculto.

Para quem tem alguma informação histórica, à impressão visual produzida pelo retrato, associa-se outra, deduzida de factos reais, mas também propícia a efabulações. O rei seu pai e os representantes das cortes não lhe permitiram professar para poder continuar a sucessão régia se viesse a faltar outro membro da família real. Aceitou a imposição, mas recusou o casamento com o rei de Inglaterra, o imperador da Alemanha e outros príncipes europeus. Levava vida «apartada», seguia os exercícios da comunidade, mas não dispensou os rendimentos nem a criadagem. Daí se deduz uma personalidade virginal, porventura mais tímida do que austera, piedosa, decerto, retirada do mundo, mas nem secular nem religiosa.

Uma investigação histórica objectiva sobre a sua personalidade deveria contar de preferência com possíveis reconstituições da vida conventual predominante na época, entre as ordens religiosas da «observância» — a corrente

Mário Morais

Aveiro — 1958



Acrílico sobre tela — montagem de cinco peças - 89x78 cm

Lúcia Seabra

Sangalhos — 1959



Acrílico sobre tela — 50x40 cm

religiosa que no século XV atribuía a maior importância à regularidade dos actos litúrgicos, ao rigor e austeridade da penitência, ao zelo pastoral e à severidade com que punia faltas ou desleixos. Disciplina que contrastava com a tibieza ou corrupção das ordens mais antigas, instaladas em mosteiros ricos, habituadas a práticas permissivas, ou até à infracção habitual dos votos religiosos. Os observantes atraíam assim a simpatia da família real, de muitos senhores poderosos e de alguns eclesiásticos que os protegiam e favoreciam.

O retrato de Santa Joana, carregada de jóias, contrasta de tal modo com a vida austera e penitente das religiosas dominicanas, que se torna difícil conciliar a imagem visual com a informação histórica do ambiente que escolheu para viver. Mas esse é também uma das contradições da sua época. Os religiosos mais exigentes, como os franciscanos e dominicanos observantes, os jerónimos ou os eremitas, construíram, durante a segunda metade do século XV, edifícios ricos, imponentes, ou até sumptuosos, que o seu rigor inicial decerto devia excluir. Se aos fundadores se associa facilmente o retrato descarnado de S. Bernardino de Siena, ou o rosto macilento de St^a Catarina de Sena, a perfeição corporal e as jóias ostentadas pela princesa já não evocam a penitência das origens, mas o luxo devoto dos protectores senhoriais que punham a sua riqueza ao serviço dos religiosos mais severos para assim obterem a intercessão de quem lhes parecia poder abrir o caminho do céu.

Será possível criar uma imagem visual que associe num só quadro elementos tão contrastantes?

José Mattoso

Alzira Martinho

Mirandela — 1966



Acrílico sobre tela com colagens — 50x40 cm

Jorge Trindade

Aveiro — 1950



Pastel (s/ fixativo) sobre papel — 44x29 cm

Jorge Barroca

Porto — 1955



Acrílico sobre tela — 60x50 cm

Artur Fino

Aveiro — 1933



Grafite sobre papel — 35x28 cm

Bela Boinas

Lubango (Angola) — 1956



Óleo sobre tela — 70x50 cm

Jeremias Bandarra

Aveiro — 1936



Acrílico sobre tela — 50x40 cm

Gaspar Albino

Aveiro — 1938



Acrílico sobre tela — 50x40 cm

Gica da Silva

Moreira da Maia — 1977



Acrílico sobre tela com colagens — 50x40 cm

Hélder Bandarra

Aveiro — 1940



Óleo sobre tela — 50x40 cm

Fernanda Santos

Vila Nova de Gaia — 1969



Acrílico sobre tela — 60x50 cm